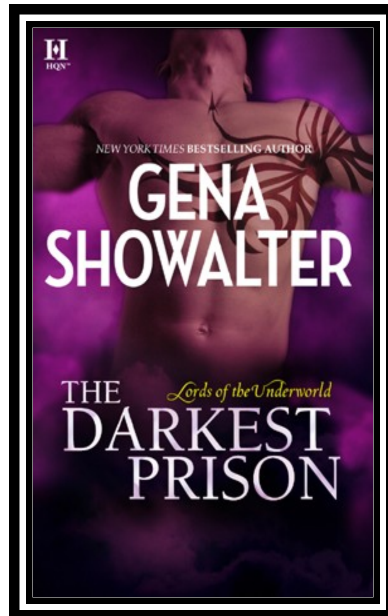
A Prisão Sombria

Gena Showalter



Capítulo 01

— Fique quieta, Nike. Está fazendo isto pior para ti — Atlas, deus Titã da força, contemplava à ruína de sua existência.

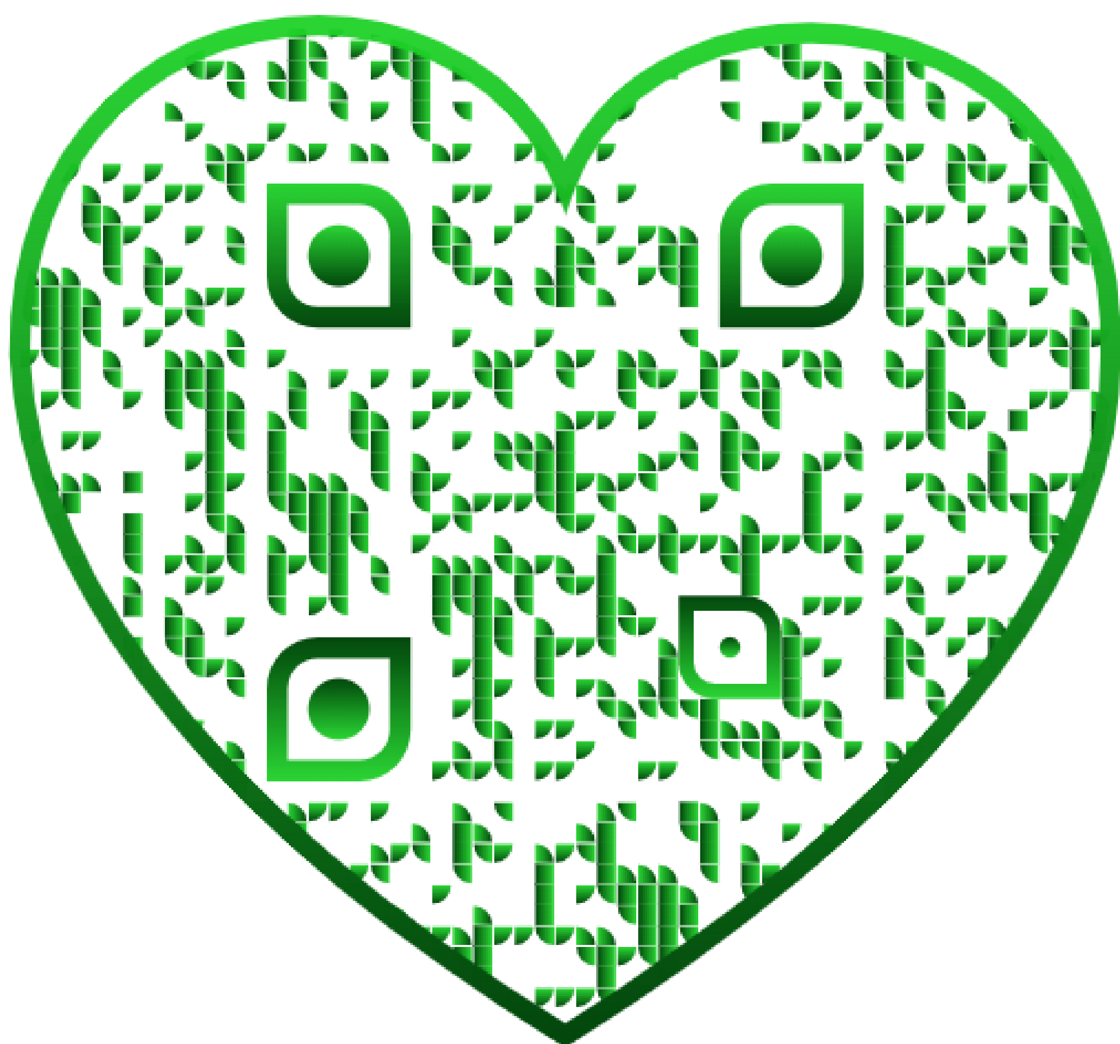
Nike, a deusa grega da força. Sua contraparte piedosa. Sua inimiga. E uma completa - pouco mais ou menos - cadela.

Dois de seus melhores homens seguravam seus braços e dois suas pernas. Deveriam ter podido imobilizá-la sem incidentes. Tinham-lhe posto um colar, depois de tudo, e este impedia que usasse qualquer de seus poderes imortais. Inclusive sua legendária força, a qual não estava à altura da sua, graças ao céu. Mas nunca tinha havido uma fêmea mais teimosa ou mais determinada a derrubá-lo. Continuamente lutava contra seu agarre, lançando murros, chutando e mordendo como um animal esquecido.

— Matar-te-ei por isso — grunhiu.

— Por que? Não estou fazendo nada que não você não me tenha feito antes.

Com movimentos recortados, Atlas tirou a camisa pela cabeça e a jogou a um lado,



revelando seu peito e as marcas de seu estômago. Ali no meio, em grandes letras negras, estendendo-se de um pequeno mamilo ao outro, estava seu nome, soletrado para que todo mundo visse. N.I.K.E.

Ela o tinha marcado, reduzindo-o a sua propriedade.

Tinha merecido? Talvez. Uma vez, ele tinha sido um prisioneiro nesta área desolada. O Tártaro, uma masmorra sagrada. Tinha sido um deus tombado, feito prisioneiro e esquecido, nada melhor que lixo. Tinha querido sair e tinha estado disposto a fazer algo para consegui-lo. Algo. Assim tinha seduzido Nike, uma de seus guardas, usando seus sentimentos por ele contra ela.

Embora pudesse negá-lo agora, ela verdadeiramente se apaixonou um pouco dele. A prova: tinha arrumado sua fuga, um crime castigado com a morte. Ainda assim, tinha estado disposta a arriscar-se. Por ele. Mas, justo antes que lhe tirasse seu colar, permitindo cintilar-se longe e transladar-se de um lugar a outro com apenas um pensamento, ela descobriu que também tinha seduzido a outros guardas femininos.

Por que confiar em uma para conseguir terminar o trabalho quando quatro lhe poderiam servir melhor?

Ele tinha contado com o fato de que nenhuma das fêmeas gregas desejaria que se conhecesse seu romance com um Titã escravizado. Tinha contado com seu silêncio.

O que deveria ter feito era contar com seus ciúmes.

Nike tinha compreendido que tinha sido usada, que realmente suas emoções nunca tinham estado comprometidas. Em vez de arrojá-lo de novo de volta a sua cela e fingir que ele não existia, em vez de golpeá-lo, ela o tinha submetido e marcado permanentemente.

Durante anos tinha sonhado com devolver o favor. Algumas vezes pensava que esse desejo era a única coisa que o mantinha cordato enquanto passava século atrás de século dentro deste buraco infernal. Sozinho, com a escuridão como sua única companheira.

Imaginem seu deleite quando as paredes da prisão começaram a rachar-se. Quando as partes defensivas começaram a desmoronar-se. Quando seus colares se desprenderam. Tinha levado um tempo, mas ele e seus irmãos finalmente tinham conseguido sair, livres. Tinham atacado os gregos, brutalmente e sem piedade.

Em questão de dias, tinham ganhado.

Os gregos foram derrotados e agora estavam presos exatamente onde eles encarceraram os titãs. Atlas tinha se alistado como voluntário para fiscalizar a área e, felizmente, tinha sido posto no comando. Finalmente, seu dia de vingança tinha chegado. Nike o tinha feito levar sua marca para sempre.

— Deveria estar agradecida de estar viva — lhe disse.

— Foda-se.

Ele sorriu lentamente, malignamente.

— Fez-o você, recorda?

Suas resistências aumentaram. Aumentaram tão cruelmente que logo esteve ofegando e suando ao lado de seus homens.

— Façam a dar a volta — ordenou. Sem misericórdia. Atlas não tinha paciência para esperar até que ela se cansasse —. Unicamente, tatuarei até que meu nome esteja o suficientemente claro para me satisfazer.

Com um chiado frustrado e enfurecido, finalmente se acalmou. Ela sabia que dizia a verdade.

Ele sempre dizia a verdade. As ameaças não eram algo no que gastasse saliva em pronunciar.

Só nas promessas.

— Isso, boa garota.

Atlas caminhou a grandes passos para frente e rasgou o tecido de suas costas. A pele era de cor bronzeada e suave. Perfeita. Uma vez, ele tinha acariciado essas costas. Tinha-a beijado e tocado. E sim, estar com ela tinha sido mais satisfatório do que foi com qualquer das demais, mas não seria governado por seu pênis e a liberaria antes de marcá-la, tudo pela esperança de poder meter-se em sua cama outra vez. Faria isto.

— Isto não é o que fiz a ti — Nike falou com voz áspera —. Eu não te marquei as costas.

— Preferiria que marcasse seus preciosos peitos?

Ante isso, conteve sua língua.

Bem. Ele não desejava danificar seu peito. Seus seios eram uma obra de arte, certamente a mais fina criação do mundo.

— Não há necessidade de agradecer-me. – murmurou. Estendeu-se com a necessidade de lhe dar um tapa com sua mão —. Pelo menos, não terá que olhar meu nome cada dia da sua muita longa vida.

Como ele teve que fazer.

—Não faça isto — chorou repentinamente ela —. Por favor. Não o faça — girou a cabeça e havia lágrimas em seus olhos cafés.

Ela não era uma mulher formosa. Nem poderia ser chamada bonita. Seu nariz era ligeiramente largo e suas bochechas um pouco agudas. Tinha o cabelo de cor castanha cortado para cair em seus ombros muito largos, o corpo de uma guerreira. Mas havia algo nela que sempre lhe tinha atraído.

Ele revirou os olhos.

— Seca essas lágrimas falsas, Nike — e ele sabia que eram falsas. Ela não era propensa aos desdobramentos de emoção —. Não me afetam e certamente não lhe salvarão.

Instantaneamente suas pálpebras se estreitaram, as lágrimas desapareceram

milagrosamente.

— Bem. Mas vais lamentar isso. Eu prometo.

— Vou esperar suas tentativas.

Era verdade. Lutar com ela sempre o fazia excitar-se.

Sem um só golpe de vacilação, ele pressionou a pistola de tinta bem debaixo de sua omoplata. Seu agarre foi constante enquanto ele gravava o contorno da primeira letra. Uma. Nenhuma só vez ela fez uma careta de desagrado. Nenhuma só vez atuou como se sentisse um pouco de dor. Ele sabia que doía, entretanto. OH, sabia. Para marcar permanentemente a um imortal, a ambrósia tinha que ser mesclada com um líquido de cor e essa mescla ardia como o ácido.

Ela guardou silêncio enquanto ele terminava cada um dos contornos. Também se manteve em silêncio enquanto enchia o interior das letras. Quando terminou, recostou-se sobre seu traseiro e examinou seu trabalho: A.T.L.A.S.

Ele esperou a que a satisfação lhe alcançasse, já que sempre que tinha esperado este momento. Não chegou. Esperou que o alívio o afligisse, a vingança tinha sido alcançada. Isso sim chegou. O que não tinha esperado era uma devastadora e quente possessividade, mas isso foi exatamente o que experimentou.

Nike agora lhe pertencia. Para sempre. E todo mundo saberia.

Capítulo 02

Nike passeava pelos limites de sua cela. Uma cela que compartilhava com outros. Conhecendo seu temperamento tão intimamente como eles o faziam, cuidavam-se de manter-se fora de seu caminho. Contudo, os companheiros de quarto fediam. Podia sentir seus olhos lhe brocando as costas vestida de toga, como se pudessem ver seu nome marcado ali.

Se atreviam-se a dizer uma só palavra…

Não havia suficientes celas para conter todos os Gregos, assim foram colocados à força em cada câmara, em grupos. Masculino, feminino, não importava. Possivelmente os Titãs não se preocuparam a respeito da mistura de sexos ou talvez o tinham feito para incrementar o tortura de cada prisioneiro. Isto último era o mais provável. Os maridos não estavam com suas esposas e os amigos estavam separados de seus amigos. Tinham unido aos rivais.

Para ela, esse rival era Erebos, o deus menor da escuridão. Uma vez, Erebos a tinha tratado como uma rainha. Uma vez, tinha-lhe gostado de verdade. Tinha considerado casar-se com ele. Mas logo ela se apaixonou por Atlas, esse mulherengo, mentiroso bastardo, assim deixou Erebos. Logo descobriu que Atlas nunca a tinha querido realmente, só a tinha estado usando. O amor mudou rapidamente para fúria.

A fúria e a agressividade se acalmaram finalmente. Ela o tinha perdoado. Na maior parte. Agora, com seu nome decorando suas costas, odiava-o com cada fibra de seu ser.

Possivelmente, é possível, que houvesse super reagido quando tinha feito o mesmo a ele. Marcando-o por sempre. A impulsividade sempre tinha sido sua ruína, depois de tudo. Durante anos, ela tinha se arrependido inclusive de sua decisão. Nunca o admitiria diante dele. Não sentia arrependimento agora, de qualquer modo.

Não lhe tinha mentido. Mataria-o por isso.

Primeiro, teria que encontrar a maneira de tirar o estúpido colar ao redor do pescoço. Enquanto o levasse, estava indefesa. Segundo, teria que encontrar uma forma de escapar deste reino.

O primeiro, em teoria, teria sido fácil. Mas o tinha tentado já, arranhando-o e golpeando-o, e inclusive tentado fundi-lo em seu corpo. Tudo o que tinha feito era cortar pele, machucar sua carne e chamuscar o cabelo. O segundo, em teoria e realidade, parecia impossível.

Seu olhar girou em torno dela. Depois que os Titãs escaparam, tinham reforçado tudo. Como, Nike não sabia. A prisão estava supostamente atada a Tártaro, o deus Grego do Confinamento, quem uma vez tinha mantido custodiados aos Titãs, e quando tinha começado a debilitar-se sem razão aparente, o reino se debilitou, também. Tudo nele se tornou estruturalmente defeituoso. Agora Tártaro estava desaparecido. Os Titãs não o tinham e ninguém sabia onde estava. Não havia razão para que o reino não fosse tão forte em sua ausência.

As paredes e o chão estavam compostos de pedra divina, algo que só ferramentas divinas especiais, que ela não tinha, podiam atravessá-los, e entretanto, inclusive sem a presença de Tártaro, não havia nenhuma fresta à vista.

Os grossos barrotes de prata, que permitiam dar uma olhada à estação dos guardas adjacente, tinham sido construídos por Hefesto, e só ele podia derreter esse metal. Infelizmente, residia em algum outro lugar. Como com Tártaro, ninguém sabia onde estava. Entretanto, sem Tártaro, ela tivesse sido capaz de dobrar esse metal. Não podia, já o tinha tentado.

— Maldita seja, poderia parar? — grunhiu Erebos de uma das camas de armar. Desde seu cabelo escuro até sua pele escura, desde seus belos traços até seu forte corpo, era a imagem do macho infeliz, toda essa infelicidade apontava a ela. — Estamos tentando planejar uma fuga aqui.

Sempre estavam planejando uma fuga.

— Além — ele continuou — sua cara feia está me dando dor de cabeça.

— Chupa isso - replicou.

Embora tivesse sido ela que o tinha machucado todos aqueles séculos atrás, não intencionadamente, ele o havia devolvido umas milhares de vezes. A propósito. Não emocionalmente, mas fisicamente. Não gostava de nada mais que, fazê-la tropeçar, chocar-se contra ela e mandá-la voando, "acidentalmente" assim como comer a pequena porção de comida que lhe

pertencia antes que pudesse lutar para chegar a ela, morrendo de fome. Se Nike não tivesse estado usando esse colar, ele nunca teria sido capaz de fazer aquelas coisas. Era muito forte. Outra razão para desprezar seu cativeiro.

—Me chupar provavelmente tiraria melhores resultados que quando você o fazia. — replicou ele.

O punhado de deuses e deusas ao seu redor riram.

— O que seja — disse ela, como se a brincadeira não a incomodasse. Exceto suas bochechas que se tornaram rosadas. Nike era o epítome da força, ou se supunha que o era, e sempre tinha sido mais masculina que feminina. Isso era pelo que a atenção de Atlas a tinha surpreendido e deleitado tanto. Esse magnífico homem podia ter ganhado qualquer uma, entretanto tinha escolhido a ela. Ou isso é o que tinha pensado. E se tinha apaixonado no ato porque ele, de algum jeito, tinha-a feito sentir como uma mulher delicada e formosa.

Nesse momento Atlas entrou a passos largos na estação dos guardas. Nike não precisava vê-lo para sabê-lo. Havia-o sentido. Sempre sentia seu calor. Quando seu olhar o encontrou, descobriu que tinha o braço ao redor de uma loira de pernas longas. Uma loira que se aconchegava a seu lado como se pertencesse ali, e tivesse estado aí várias vezes antes.

Esse pensamento enfureceu Nike. Não deveria havê-lo feito; ela desprezava Atlas com todo seu ser e não se importava com quem dormia. Não importava a quem lhe desse prazer. E se tinha dado prazer a essa loira com essas talentosas mãos e desejados lábios. Ele era um amante surpreendente cujo toque ainda rondava os sonhos de Nike. Mas ali estava. Fúria.

Ela não queria, mas se encontrou caminhando a passos largos para os barrotes e apertando-os para ter uma vista melhor e mais próxima dele. Outros três guardas lhe rodearam, todos falando e rindo. Enquanto os prisioneiros se vestiam de branco, os guardas o faziam de negro, e lhes sentava bem essa cor. Era o complemento perfeito para sua própria escuridão, seu cabelo curto e olhos cor mar.

Seu rosto tinha sido cinzelado por um artista mestre, tudo nele estava perfeitamente proporcionado. Seus olhos tinham a perfeita separação, seu nariz a perfeita longitude, suas bochechas a perfeita angulosidade, seus lábios a perfeita forma e cor e seu queixo era um perfeito e teimoso quadrado.

Devia ter sabido que ele estava jogando no momento que girou esses perigosos olhos e estes se acenderam com "interesse" ao vê-la. Os homens simplesmente não a olhavam dessa maneira. Nem sequer o tinha feito Erebos, e ele a tinha amado.

— Bastardo — murmurou, a maldição para ambos os homens de seu passado.

Como se a tivesse ouvido, Atlas elevou o olhar. No momento em que seus olhos se encontraram, ela quis soltar os barrotes. Desejava afastar-se, fora de sua visão. Mas não se permitiu esse luxo. Teria sido uma covardia, e este homem a havia visto débil muitas vezes.

Só para zombar, e esperando fazê-lo se sentir tão fora de controle como sempre a tinha feito sentir, ela permitiu que sua atenção descendesse a seu peito, exatamente onde descansava o nome dela. Sorriu presumidamente antes de levantar seu olhar e arquear sua sobrancelha. Touché. Um músculo palpitou em sua mandíbula.

O que acha sua amante de sua marca? Queria gritar. O que pensa a loira a respeito de meu nome sobre seu corpo?

Puxou a estúpida loira mais perto dele e, sem romper o contato ocular com Nike, plantou um luxurioso e molhado beijo em sua boca. É obvio, ela reagiu como qualquer mulher o teria feito. Envolveu seus braços ao redor dele e se segurou para salvar sua própria vida. Como Nike bem sabia, esse homem podia fazer uma mulher gozar com a perícia de seu beijo.

A fúria de Nike se intensificou. Se tivesse sido capaz, teria descido ali e os teria esmigalhado. Logo teria matado a ambos. Não porque quisesse Atlas para ela — não o fazia — mas sim porque ele estava claramente usando essa mulher. A paixão não ardia em sua expressão. Só a determinação o fazia.

Nike faria um favor à população feminina destruindo-o.

— Erebos — o chamou —. Venha aqui. Quero beijá-lo.

— O que? — ele ofegou, seu choque era evidente.

— Quer um beijo ou não? Venha aqui. Rápido.

Escutou um roce de roupa detrás dela e logo seu antigo amante estava ao seu lado. Ele era um prisioneiro e o sexo era uma raridade. Erebos tomaria o que pudesse obter, inclusive de alguém que aborrecia. Pelo muito que sabia.

Nike se voltou para ele, que já estava inclinando-se para baixo. Como a loira, ela envolveu seus braços ao redor do pescoço de seu companheiro e se segurou forte. Só que ela não desfrutou do beijo, familiar como era. O sabor de Erebos era tão… o que? Diferente do de Atlas, deu-se conta, e sua fúria se elevou outro grau. Nenhum homem deveria ter tanto poder sobre ela.

Contudo, deixou que Erebos continuasse. Atlas precisava dar-se conta de que já não o desejava. Precisava dar-se conta que nunca, nunca brincaria outra vez com suas emoções. Já não era uma pequena moça idealista. Ele tinha se assegurado disso.

Capítulo 03

Fúria. Uma fúria absoluta encheu Atlas. Soltou a sua acompanhante, nem sequer podia recordar seu nome, e esta ofegou em protesto pelo abrupto das ações. Ele não se incomodou em explicar o que pensava fazer ao afastar-se com passos fortes. A fúria continuava propagando-se enquanto subia as escadas que levavam às jaulas de prisioneiros e à cela que continha Nike.

Levava seu nome nas costas. Como se atrevia a permitir que outro homem pusesse seus lábios sobre ela?

Quando chegou a seu destino, Atlas levantou seu braço e o sensor que tinha encravado em seu pulso fez que os barrotes se abrissem. Vários prisioneiros estavam sentados contra a parede mais afastada. Seus rostos se ruborizavam enquanto observavam, encantados pelo desejo, como o deus menor da Escuridão e a deusa da Fortaleza se limpavam mutuamente as amídalas. De fato, estavam tão absortos que nem sequer tentaram passar sobre Atlas para tentar escapar. Ou talvez, isso tivesse mais a ver com a dor que sentiriam se tentassem fazê-lo. Só tinha que pressionar um botão e seus colares fritariam seus cérebros.

Nike gemeu, como se na verdade desfrutasse do que lhe estavam fazendo. A visão de Atlas se tingiu de vermelho. Como se atrevia. Com os dentes apertados a agarrou pelo pescoço da túnica e de um puxão a aproximou contra as duras linhas de seu corpo, longe de Erebos.

Nike soltou um ofego. A diferença de quando a loira o tinha feito, Atlas não permaneceu indiferente. Queria tragar o som e fazer algo, qualquer coisa, para que ofegasse de novo.

O que ocorre comigo?

— Hey — disse bruscamente Erebos, tentando bobamente de alcançá-la para terminar o que tinham começado — Estamos ocupados.

Franzindo o cenho, Atlas o chutou no peito. O homem menor voou para trás, aterrissando sobre seus colegas prisioneiros. Endireitando-se de um salto, preparado para atacar, viu quem lhe tinha atirado o golpe e se deteve, inflando as fossas nasais.

— Toca-a outra vez – disse — e tirarei seu colar, junto com a cabeça.

O deus empalideceu, talvez inclusive choramingou.

— Não o valia, de toda forma.

Por essas palavras, Atlas também poderia matá-lo.

— Que diabos acredita que faz? — exigiu Nike, voltando para a vida de repente e atraindo sua atenção. Girou-se para ele, fulminando-o com o olhar — Posso me deitar com quem quiser. E ouça, inclusive poderia escolher a um de seus amigos.

Apesar de suas palavras iradas, não estava sem fôlego como teria estado se fosse Atlas quem a tivesse beijado e suas bochechas não estavam ruborizadas. Seus mamilos nem sequer estavam endurecidos. Finalmente, algo esfriou as chamas mais ardentes de sua fúria.

— Só fecha a boca. — Agarrando-a pela parte superior do braço a arrastou fora da cela. Os barrotes se fecharam automaticamente atrás dele.

— Que diabos acredita que faz? — perguntou de novo, resistindo a seu agarre. Nunca tinha sido obediente com ele.

— Que diabos acredita você que estava fazendo? — rebateu Atlas. Quando chegou ao pé das escadas se deteve. A loira, quem justamente resultava ser a deusa da memória, (maldição, qual

era seu nome? Mini? Não, mas perto. M & M? Minisong? Mais perto. Mnemosyne. Sim, isso era), Mnemosyne assim como os outros três guerreiros designados para cuidar de Tártaro hoje, olhavam-no com a boca aberta.

— O que? — soltou com rudeza. Ao menos Nike tinha deixado de resistir. Quieta a seu lado, mudava sua atenção dele aos outros e dos outros a ele.

— Não pode simplesmente tirar um prisioneiro — lhe disse Hyperion, deus da luz. Era um homem atraente, embora tão pálido quanto seu nome o sugerisse e mais valia que Nike não o estivesse vendo como possível companheiro de cama.

— Não a estou tirando — respondeu com frieza — Estou-a mudando-a. — A uma cela própria, onde nenhum possa pôr seus sujos, asquerosos lábios sobre ela. Onde ninguém possa pôr suas mãos errantes sobre ela. Tampouco havia nada sexual a respeito de sua decisão. Simplesmente não queria que experimentasse nenhum tipo de prazer. Não o merecia.

— Por quê? — Mnemosyne o olhava com curiosidade, sem um só pingo de mal-estar ou ciúmes em sua expressão.

Por que? Perguntava-se ele. A deusa tinha estado desejosa de ter algo com ele desde fazia meses, invocando-o constantemente. A noite anterior, inclusive tinha aparecido em sua casa, nua.

Era bonita, sim, e ele quase tinha cedido e dormido com ela. Seu corpo tinha ficado excitado depois do ocorrido com Nike, e estava desesperado por encontrar alívio. Mas antes de fechar o trato, tinha enviado à decidida deusa de volta para casa. Havia se sentido muito culpado para continuar. Como se estivesse enganando Nike. O qual era ridículo. A única relação que havia entre eles era uma de ódio.

Além disso, quem queria passar o tempo com uma mulher que nenhuma vez esqueceria seus enganos? Uma mulher que recordaria todas suas transgressões? Ele não. Entretanto, transportou-se à casa de Mnemosyne esta manhã e lhe tinha proposto passar o dia com ele, só para poder trazê-la à prisão. Tinha estado estranhamente exultante ante a idéia de fazer alarde dela em frente a Nike.

Assim de novo se perguntava por que a deusa da memória não sentia que Nike era uma ameaça. Embora a maioria das mulheres não o fizesse, sabia. Tinha-as ouvido falar. Nike era muito alta, muito musculosa, diziam. Muito rude e muito tosca. Mas essas eram as coisas que tinham despertado seu interesse nela. Nike podia lidar com sua força. Ela dava tanto quanto recebia. Nunca se esgotaria ante seu olhar. Nunca fugiria de sua cólera. Sempre o enfrentaria. E gostava disso. Muito. Nunca antes topou com uma mulher que tivesse esse tipo de coragem.

E era bonita, pensou. Sim, tão só ontem teria pensado que apenas o era, mas agora essa idéia parecia erro em todo nível. Fazia só um momento, quando tinha entrado na prisão, sentiu seu olhar sobre ele e olhou para ela. Por um segundo, tão só um segundo, apanhou-a com as defesas baixas. Não sabia que ele a estava olhando, assim não tinha resguardado sua expressão. Uma

expressão suave, sonhadora, com os olhos luminosos. Essa visão dela tinha esquentado seu sangue como se tivesse estado em chamas.

Ainda assim, isso não significava que a desejasse, a sua inimizade. O feito de saber que tinha seu nome gravado sobre suas costas estava fazendo estragos em sua mente, seu sentido de posse, estava seguro.

— E bem? — assinalou Mnemosyne.

— Sim — disse Nike. — Estamos esperando uma resposta.

A que? OH, sim. Por que a estava mudando. Elevou o queixo, negando-se a descer o olhar para ela. Não que tivesse que olhar muito abaixo. Com 1,82 era quase tão alta quanto ele.

— Não preciso de uma razão. Sou responsável por esta prisão e tudo o que há dentro. Portanto, se quero mudá-la, posso fazê-lo.

Isso último foi para os Titãs. Fariam bem em não questioná-lo.

Sem mais palavras, levou Nike arrastando-a. Onde deveria levá-la? A seu escritório, decidiu. Nestes momentos, não havia uma só cela vazia em todo o reino.

— Tem sorte que não tenha feito assassinar a esse bastardo — disse quando esteve seguro que os outros não podiam ouvi-lo.

Nike não teve que perguntar quem era “esse bastardo”.

— Por que motivo?

Por tocar o que é meu.

— Não tinha permissão para confraternizar com você. — Atlas dobrou uma esquina e ali, ao final do corredor, estava sua porta.

— Confraternizar comigo — riu Nike, sem humor — Oh, espera. Já entendi. Você pode foder a quem quiser, mas eu não.

Bem. Estavam de acordo.

— Assim é. — Uma vez que estiveram dentro a soltou finalmente. Suas mãos ansiavam retornar a ela, mas as manteve ao seu lado. Em lugar de localizar-se atrás de sua escrivaninha, ficou em frente a ela, nariz a nariz — Sofrerá em solidão. — Deuses, sim que cheirava bem. A paixão. Pura paixão ardente.

— Como se me importasse. Divirto-me mais eu sozinha, de todos os modos.

A imagem que essas palavras evocaram quase o pôs de joelhos. Deveria afastar-se. Antes de fazer algo estúpido.

Nike entrecerrou os olhos.

— Não mudou, sabe. É o mesmo asno de anos atrás.

— Entretanto — continuou Atlas, como se ela não acabasse de insultá-lo. Estúpida, condená-la-ia. Estavam juntos e sem companhia. – Se precisar que a beijem, eu me encarregarei disso.

Capítulo 04

Não houve tempo para protestar. Em menos do que se demora para pestanejar, Nike se encontrou esmagada contra a parede, com Atlas em cima dela, peito sólido contra seios suaves, suas mãos a seguravam pelas têmporas, sua boca assaltava a dela. Sem advertência, sua língua penetrou profundamente forçando seu caminho entre os dentes de Nike.

Ela podia tê-lo mordido. De fato queria mordê-lo, e não com afeto. Queria tirar sangue, dor. Em troca, seu corpo se converteu em escravo de Atlas, como se séculos de ódio não tivessem acontecido e lhe deu a boa-vinda dentro de sua boca. Enredou os braços a seu redor e se arqueou sobre sua ereção. Ereção? OH, sim. Estava duro. Duro, comprido e grosso.

Seu sabor era pecaminoso, selvagem e ardente, como a especiarias escuras. Seus músculos estavam tensos sob as mãos de Nike. Moveu-as para cima, até enredar os dedos em seus cabelos. As pontas curtas cravavam deliciosamente, fazendo-a estremecer.

Toque-me, queria gritar. Tinha passado tanto tempo, tão maldito tempo, desde que tinha experimentado algo assim. OH, esteve com outros homens depois de haver-se entregue tão bobamente a Atlas, pois andava na busca de algo tão intenso como o que eles tinham compartilhado. Mas cada experiência a tinha deixado vazia, insatisfeita. E então tinha sido capturada, pelo próprio Atlas, e colocada sem olhares na prisão.

Com a falta de privacidade, não tinha tido oportunidades para encontrar companhia. Já ninguém lhe resultava atrativo. Ninguém à exceção de Atlas, maldito fosse.

Sim, maldito fosse. Ele. O homem que ontem mesmo a tinha segurado e gravado seu nome sobre as costas. O que estava fazendo? Por que permitia que isto acontecesse? Atlas acreditaria que ela ainda se interessava por ele. Acreditaria que ela ainda sofria por ele, sonhava com ele… que o desejava. Isso podia ser verdade, condenação, mas nunca deixaria que ele soubesse.

Ofegando, Nike afastou sua boca.

— Não desejo você – mentiu — Solte-me. Agora.

Um grunhido baixo estalou na garganta de Atlas.

— Eu tampouco a desejo. — Uma, duas vezes esfregou sua vara contra ela —. Mas não a soltarei.

Tremores lhe percorreram a coluna. Céus Santos. Ele tinha acertado em seu centro de prazer e as sensações se dispararam através dela. Então uma das mãos de Atlas desceu tomando um de seus seios e seus joelhos quase cederam

— Por quê? — a voz foi um mero gemido. E por que o estava permitindo ter uma opção? Por que não estava se afastando dele? É Fortaleza. Atua como tal.

— Por que não a deixarei ir? — perguntou Atlas fazendo rodar um mamilo endurecido entre seus dedos.

Era por isso que permanecia onde estava, pensou aturdida. O prazer crescia, fluindo por suas veias, queimando-a, convertendo-a em um ser diferente. Um que vivia só por essa satisfação. Um ser que não se importava que o responsável por seu desejo fosse um inimigo.

— Sim.

— Eu somente… Eu… — Os dedos no mamilo apertaram mais, chegando a doer um pouco —. Só se cale e me beije outra vez.

Suas bocas voltaram a se encontrar e desta vez ela ficou nas pontas dos pés para alcançá-lo. Não podia deter-se. Enquanto suas línguas se encontravam e batalhavam, ele a puxou pelo traseiro e a levantou do chão. Obrigá-lo a suportar seu peso teria sido divertido, mas nem de perto tão prazeroso como enroscar as pernas ao redor de sua cintura e pressionar seu centro necessitado contra o membro de Atlas.

Com ela apertada contra a parede, foi capaz de colocar suas duas mãos sob a túnica de Nike. Seus corpos estavam muito colados para que ele pudesse alcançar o centro sedoso, onde ela mais o necessitava, mas o ter agarrando-a pelas nádegas, pele contra pele, era quase igual de bem-vindo. Ele era mais quente do que ela recordava.

Seus lábios a abandonaram, mas antes que pudesse gemer sua decepção ele estava beijando e lambendo seu caminho pescoço abaixo.

— Sim. — ofegou —. Sim. Justo assim.

— Mais? — Com o nariz, fuçou o colar dourado de escrava como se este fosse uma bagatela em lugar de um dispositivo que podia matá-la. Por uma vez, até gostava do colar.

— Sim. — Mais. No momento essa era a única palavra que podia pronunciar. A menos que… pensava fazê-la rogar?

De repente, a fúria se mesclou com o desejo. Pois bem, lhe ensinaria. Não rogaria por nada. Nem sequer por isso. Especialmente por isso. Não por ele.

— Então, mais terá. — disse, deixando-a assombrada. Empurrou o material da toga de Nike para baixo, deixando seus seios descoberto. O ar passou sussurrando entre seus dentes—. Tão adoráveis. Tão perfeitos. — Tirou a língua e rodeou com ela o mamilo que tinha beliscado por pouco tempo —. Tão meu.

A cabeça de Nike caiu para trás e suas unhas lhe arranharam as costas. Tão bom. O calor… a umidade… a…

— Sim! — A sucção. Estava-a chupando tão energicamente que seus músculos estomacais tremiam —. Atlas — grunhiu —. Não pare. — Uma ordem, não uma súplica.

— Não o farei. Não posso. — Endireitando-se, lançou-lhe de repente um olhar com olhos entrecerrados que a manteve presa no lugar muito mais efetivamente que seu corpo — Desejo você.

Desejo tudo de você.

Nike lutou para recuperar o fôlego. O sentido.

— Refere-se a sexo?

— Sim, sim, sim. Aqui, agora.

Um curto assentimento com a cabeça foi toda a resposta que recebeu. Abriu a boca para responder, mas de alguma forma encontrou a força para deter-se. Bebeu da visão dele, uma visão que a deleitava quase tanto quanto a deixava furiosa. Furiosa? Por quê? Suas fossas nasais estavam infladas, seus lábios apertados. Atlas se via como se logo pudesse manter-se sob controle.

A desejava tão desesperadamente? Perguntou-se. Ou era simplesmente um muito bom ator?

Sim, refletiu sombriamente. Ele era um muito bom ator. E dali era de onde surgia a fúria. Atlas a estava olhando como antes, como a última vez que tinham feito sexo. Esse olhar foi o catalisador para a decisão de libertá-lo, apesar das conseqüências para ela mesma. Conseqüências que teriam resultado em pena de morte. Mas, tinha pensado, ele me ama com a mesma intensidade com que eu o amo. Acreditou que apesar de tudo valia a pena o risco de libertá-lo. De poder, possivelmente, estar com ele por toda a eternidade.

Como teria dado um jeito para consegui-lo, não sabia. Mas tinha querido tentá-lo. Ele não.

Graças aos deuses se encontrou com um membro de seu desfile de prostitutas, apenas minutos depois de escoltá-lo do edifício até as nuvens de fora, onde ele teria sido capaz de transportar-se. Atlas ainda tinha o colar posto, pois Nike não tinha querido tirá-lo até ter passado ao último guarda. Dessa maneira, qualquer que os visse caminhando juntos, assumiria que ela simplesmente estava transladando a um prisioneiro.

Mas fora, foram vistos. Ninguém podia transportar-se da prisão nem para esta, assim todos tinham que caminhar através da porta principal. Aergia, a deusa da Preguiça, tinha decidido, de entre todas as coisas, de trabalhar mais cedo, surpresa, surpresa (só para estar novamente com Atlas). A deusa tinha detido a Nike para lhe perguntar onde estava sendo levado.

— Estou-o tentando com o que não pode ter. — tinha afirmado Nike.

A deusa franziu o cenho.

— Bem, leva-o a meu escritório quando terminar.

— Para que?

O cenho se converteu em um sorriso lento, sensual.

— Assim posso lhe administrar meu próprio… castigo.

Terror surgiu dentro dela.

— E como o castigará?

— Como acredita? Mas não se preocupe. Vou deixá-lo rogando por mais. Sempre o faço.

Atlas então tentou fugir, passando justo entre elas, mas com seu colar ainda no lugar não

tinha chegado muito longe. Nike havia tornado a prendê-lo e, desconfiada, interrogou a todas as guardas femininos. Quase todas tinham tido algo com ele. E a todas havia dito o mesmo: "É linda. Quero passar a vida com você. Tudo o que preciso é minha liberdade e serei seu escravo para sempre."

Então, fazer sexo com ele outra vez?

— Diabos, não.

— Você me deseja — disse bruscamente. Seu agarre nela se apertou, seus dedos se afundaram profundamente, deixando marcas —. Sei que é assim.

E assim de repente, Nike soube do que se tratava toda esta pequena sessão de beijos e carícias. Atlas planejava deitar-se com ela, fazê-la se apaixonar de novo e depois deixá-la. Mastigaria o orgulho de Nike, cuspi-lo-ia e logo passaria sobre ele. Tudo para castigá-la, estava segura, por haver-se atrevido a tatuá-lo. Marcá-la com seu nome, obviamente, não foi suficiente.

— Desejar sua morte e desejar seu corpo não são a mesma coisa. — Com um sorriso adoçado, aplaudiu-lhe a nádega —. E posso te jurar que enquanto de verdade quero o primeiro, só estava brincando com o segundo. — Agora quem enganava a quem? — Assim… se tivermos terminado…

Atlas passou a língua sobre os dentes. Seus braços caíram longe dela e deu um passo atrás. Nike quase desabou, mas conseguiu mover suas pernas e absorver seu próprio peso.

— Terminamos — disse Atlas, com tom cortante — Terminamos definitivamente.

Capítulo 05

Atlas teve que esvaziar uma cela de seus sete ocupantes e pôr aqueles deuses e deusas dentro de outras celas já apinhadas, para fazer lugar a Nike. Entretanto, merecia o tempo e esforço. Ele não podia tolerar o pensamento dela com esse bastardo, Erebos, lhe fazendo as mesmas coisas que uma vez tinha feito a ele.

Não. Ia. Acontecer.

E possivelmente, talvez, havia uma escassa possibilidade de que não tivesse nada a ver castigando-a, mas sim tudo a ver com o prazer que anteriormente ele repudiou. Em seus braços, ele tinha voltado para a vida. Isso tinha acontecido a última vez, também, mas o tinha desprezado como loucura de prisioneiro. Agora, não podia desprezá-lo. Ele não era um prisioneiro; era um guardião. Tinha voltado para a vida, e precisava de mais. Dela, só ela. Entretanto ela afirmou que simplesmente tinha estado brincando com ele.

Queria que isso fosse uma mentira mais do que queria tomar sua próxima respiração. O qual não entendia. Estava condenada a passar a eternidade escondida, o que queria dizer que eles

não podiam ter nenhum tipo de vida juntos. Nem sequer se a libertasse. Pois, ele seria preso ou sentenciado a morte.

Durante uma semana, Atlas lamentou sua situação e meditou o que fazer. Enquanto isso, manteve-se afastado da nova cela de Nike. De todas as formas, isso não o impediu de continuar pensando nela. O que estava fazendo ela? Pensava nele? Sonhava com ele e esse demolidor beijo?

Ele o fazia. Cada vez que fechava os olhos via a paixão resplandecendo em seu rosto. Um rosto que era delicioso. De escassamente passável, a bonito, a delicioso, tudo no prazo de uma semana. Sacudiu a cabeça maravilhado. Mas ela merecia o louvor. Seus cílios eram longos e abundantes como o veludo negro. Veludo que emoldurava os sensuais olhos de chocolate. Suas bochechas eram suaves, perfeitas para acariciar, e seus exuberantes lábios vermelhos eram mais doces que a ambrósia. Toda essa força… seu pênis se encheu e se alongou de só recordá-la. Ela o tinha agarrado e arranhado com um abandono selvagem. Ainda levava as marcas.

Eles definitivamente não tinham acabado. Nem sequer de perto. Ele tinha que experimentar isso de novo.

Finalmente, não pôde suportar a separação por mais tempo. Agradecidamente, seu turno tinha acabado. Um turno que tinha consistido em caminhar pelos corredores da prisão, observar os prisioneiros dentro de suas celas, assegurando que todos se mantivessem acalmados.

Isso o deveria ter aborrecido. Depois de tudo, era um guerreiro. Mas não o aborrecia. E isso o deveria ter irritado. Depois de tudo, passou incontáveis séculos neste lugar e tinha jurado que nunca retornaria uma vez que tivesse escapado. Mas de novo, irritação não era o que sentia. Tinha querido este trabalho para estar perto de Nike. Para ter sua vingança, assegurou-se uma vez. Agora, não estava tão seguro. Hoje, e realmente durante toda a semana, tinha caminhado pelos corredores vigorosamente, sabendo que tudo o que tinha que fazer para captar um olhar dela era dobrar a esquina.

Não se tinha permitido fazê-lo. Até agora. Finalmente, vê-la-ia.

No momento em que ela apareceu à vista, seu sangue se esquentou abrasando. Seu fôlego seguiu o exemplo, fazendo arder seus pulmões até as cinzas. Ela se sentava em cima de sua cama de armar, com os braços apoiados no corrimão, os joelhos se levantaram ao inclinar-se brandamente para frente. Seu cabelo estava penteado com os dedos à perfeição, e seus olhos estavam entrecerrados, defendendo sua íris e as emoções depositadas ali, mas ao menos ele podia ver a sombras que seus cílios projetavam em suas bochechas. Sombras que poderia riscar com a ponta do dedo.

OH, sim. Ela era deliciosa.

— Onde está sua namorada? — Sua voz era suave como a seda. Não obstante, justo debaixo dessa seda, pensou que tinha notado um sotaque de fúria.

Estava zangada porque tinha vindo? Ou zangada por ter se mantido afastado tanto tempo?

— Não tenho namorada.

Ela deu de ombros.

— Que lástima para você que essas putas não se comprometam.

Sabia que ele era a puta da qual ela falava, e esticou a mandíbula. Mas o merecia, supunha.

— Fiz o que tinha que fazer para escapar, Nike. Isso não quer dizer que não senti… — Não. OH, não. Não desceria por esse caminho. Não tinha querido sentir nada por ela, mas o fazia. Isso não o tinha detido de usá-la, assim nunca gostaria do que tinha para dizer a respeito —. Estou seguro que você também faria o que fosse para escapar.

Sua expressão se obscureceu, mas não refutou suas palavras.

— Então, veio me libertar?

— Dificilmente.

— Então por que está aqui? Não temos nada mais a nos dizer.

Porque é em tudo o que penso agora. Nunca deveria havê-la marcado.

Isto poderia ter sido evitado. Ou não. Poderia ter dormido com outras em todos aqueles anos atrás porque ele tinha estado desesperado para fugir deste lugar, mas tinha sido seu rosto o que imaginou quando o tinha feito.

Sem afastar o olhar dela, reclinou-se no barrote detrás dele e cruzou os braços sobre o peito.

— Há bastante que dizer. Sobre o beijo.

Ela bocejou, aplaudindo a formosa boca. Uma boca que ele queria por todo seu corpo.

— Preferiria dormir.

Então. Ainda queria que ele pensasse que não a tinha afetado. Parte dele acreditava. Uma parte insegura dele que nunca tinha sabido dirigi-la realmente, seu igual em todo sentido. Sim, inclusive na força, embora freqüentemente lhe gostasse de negá-lo. A outra parte, a parte masculina, sabia que ela tinha gostado de tudo o que ele tinha feito. Ela tinha gritado seu nome, pelos deuses, e ele nem sequer a tinha feito chegar ao clímax.

— Está dizendo que não me deseja? —perguntou-lhe tão sedosamente como o tinha feito ela.

— Nem sequer um pouco.

— Sério? — Ele descansou os dedos na cintura das calças, girando o botão, e os olhos dela seguiram o movimento. Seu membro já estava duro, já estava tenso, elevando-se sobre o topo. A umidade brilhava ali —. Nem sequer um pouco, pouquinho?

Ela tragou.

— Nãão — a palavra foi um grasnido —. Mas você é. Pequeno, quero dizer.

Mentirosa. Ela o fazia. Desejava-o. E ele era enorme, muito obrigado. O sentido de possessividade voltou, muito mais intenso porque estava unido à satisfação.

— Entretanto, terei você, Nike. Prometo-lhe isso.

— Só… vai — disse, repentinamente soando quase… desanimada. Ela se deslocou para um lado, logo se girou de costas, desviando o olhar dele — Terminamos um com o outro. Recorda?

Movimento equivocado. Vendo suas costas, inclusive coberta por essa folgada túnica, recordava-lhe o que ele tinha feito e isso acendeu novamente seu sangue. Faria o que tivesse que fazer, com o objetivo de ter essa mulher.

— Suponho que o descobriremos — disse ela a antes de ir-se.

Capítulo 06

Atlas empurrou ao passar as portas duplas que conduziam à sala do trono de Cronos. Guardas armados, guerreiros imortais que o mesmo Cronos tinha criado, estavam dispostos ao longo das bordas das paredes. Cada um segurando uma lança e as espadas se balançava das vagens de suas cinturas. Estavam atentos esperando por uma ordem ou uma ameaça. Saltariam à ação como ambas.

É obvio, também havia guerreiros alinhados a ambos os lados do tapete de lã de cordeiro púrpura que conduzia ao enfeitado estrado, acompanhando Atlas em seu avanço. Tinham-lhe tirado as armas, mas não se arriscavam, vigiando cada movimento com desconfiança.

Ele se perguntava se, quando era uma mulher livre, Nike tinha sido convocada alguma vez a esta sala, embora tivesse sido para apresentar seus respeitos a Zeus, seu rei. E se o tinha sido, por uma recompensa ou por um castigo?

Deixa de pensar nela. Concentre-se em Cronos. Ele é ardiloso. O rei dos deuses não era o mesmo homem que tinha sido antes de seu encarceramento. Os milhares de séculos dentro do Tártaro o tinham mudado; era mais duro, cruel. Totalmente inclemente. Ante o sinal de qualquer debilidade, equilibrava-se sobre ela.

Hoje em dia, Cronos se negava a estar nos céus sem um exército que o defendesse. Mas então, um homem em guerra com sua própria esposa não podia ser muito descuidado. Especialmente quando essa esposa era uma rainha com habilidades poderosas e aliados próprios. Uma esposa que…

Enjoado, sua cabeça deu voltas, fragmentando seus pensamentos, e ele franziu o cenho. Franziu o cenho, mas não se deteve até que alcançou o final do tapete. Manteve sua atenção, ofuscado como estava, fixa em Cronos.

O rei estava sentado no trono de ouro sólido. Escuros fios atravessavam seu cabelo de prata, e sua barba se reduziu da última vez que Atlas o tinha visto. Algumas das suas rugas inclusive, tinham desaparecido de suas curtidas feições. Vestia uma longa toga branca, parecida

com a dos prisioneiros do Tártaro. Por quê? Perguntava-se com freqüência.

Só tinham sentido duas explicações. Tinha usado o objeto durante séculos e agora se sentia mais cômodo nela. Ou não queria esquecer o que uma vez tinha sido, e podia ser de novo se não se andasse com cuidado. Atlas tinha estado mais que feliz de despojar-se de sua própria toga. Faria o mesmo Nike, se alguma vez ganhasse sua liberdade? Não é que pudesse.

Está pensando nela outra vez.

Junto ao trono havia uma mulher. Possuía um dos rostos mais puros que Atlas tinha visto alguma vez, e tinha uma pele pálida e sardenta. Era magra como um cano, com escuro e encaracolado cabelo e delicados ombros. Não gotejava poder. É mais, ela parecia… insubstancial. Etérea, como imaginava que se veria um fantasma. Ali, mas vendo através dela. Ali, mas oscilando. Seus olhos estavam escurecidos, vazios, como se não houvesse ninguém em casa.

Quando levantou a mão para tirar uma mecha de cabelo do ombro, ele somente pôde contemplá-la atônito. A elegância de seu movimento inspirava admiração. Mais elegante que uma dança, mais delicado que o bater de asas de uma mariposa. Sim havia alguém em casa, só que não lhe importava o que estava passando a seu redor.

Atlas extraiu sua atenção da mulher e estudou a câmara. Havia milhares de aranhas no teto, cada uma gotejando com resplandecentes lágrimas. Cintilações multicoloridas cintilavam no ar. Raro, pensou, inclinando a cabeça a um lado para uma melhor visão. Esse ar estava inclusive docemente perfumado com… Ele inalou profundamente. Ambrósia. Ah. Agora entendia o enjôo e o cintilação. A seca Ambrósia tinha sido espalhada pela sala. Para mantê-lo dócil?

— Atlas, deus da Força — disse Cronos com um gesto de saudação, tirando-o de sua contemplação.

Atlas fez uma reverência, como era o apropriado.

— Meu rei. É uma honra ter esta audiência com você.

Cronos se inclinou para frente, seus olhos prata brilharam com ansiedade.

—Tudo está bem no Tártaro, verdade?

— É obvio.

O alívio substituiu instantaneamente à ansiedade.

— Por que, então, requereu está reunião?

Não havia ninguém que odiasse aos Gregos mais que este homem, este soberano Titã, e com muito boa razão. Tinham-no despojado de seu poder, humilhado frente a sua gente. Inclusive Nike tinha participado.

Só conte a ele. Termina com isto.

— Quero tirar uma mulher da prisão e estabelecê-la…

— Pare. Pare aí — franzindo o cenho, Cronos elevou uma mão —. Não se tirará ninguém do Tártaro. É muito perigoso.

Tinha esperado essa resposta. De todas as formas, insistiu.

— Possivelmente a recompensa valha o perigo. Mantê-la-ia presa no interior de minha casa, Majestade. Nunca lhe tiraria o colar… — bem, exceto para transportá-la rapidamente a seu lar, já que ela não poderia sair do Tártaro com ele posto, mas o voltaria a pôr no momento em que chegassem a seu destino —. …e ela seria minha escrava pessoal. Asseguraria sua miséria. — sua primeira mentira do dia, mas provavelmente não a última. Atlas só queria dar prazer a Nike.

Tinha perdoado o que lhe tinha feito? Não estava seguro. Tudo o que sabia era que já não queria matá-la quando pensava nisso. Cansar-se-ia dela em algum momento, e esperava com interesse esse dia. Até então, este era seu único recurso.

O rei passou a língua sobre os dentes.

—De quem fala?

—Nike. A Deusa Grega da Força — não permitiu que nem um pouco de afeto adornasse seu tom.

Os olhos do rei se abriram de par em par.

— A que…— Agora esses olhos caíram sobre o peito de Atlas, onde a camisa cobria suas tatuagens.

— Sim. A mesma. — Escuta minha fúria, só minha fúria. Exceto, que o que tinha feito já não lhe enfurecia. As marcas eram tão parte dele agora como ele era uma parte dela.

— Interessante — Cronos se reclinou no trono, a imagem da contemplação —. Não pensa que está sofrendo o suficiente no Tártaro?

Era o momento para sua segunda mentira.

— Não, não acredito. — Na verdade, tão desanimada como tinha divulgado ela em sua última reunião, a deusa estava sofrendo. E não gostava.

— E o que faria para incrementar seu castigo?

— Tanto como me odeia… — me deseja, adicionou dentro de sua cabeça, assim não revelaria a profundidade dos irritantes pensamentos que seu ódio suscitava — …sofrerá particularmente em limpar meu lar, preparar minha comida e esquentar minha cama.

O rei sorriu a fantasmal garota.

— O que você gostaria de fazer a seu Paris, não é, minha Sienna? Fazê-lo seu escravo.

A expressão dela nunca mudou. Tampouco ofereceu nenhuma resposta.

Quem é Paris? Perguntou-se Atlas, e logo deu de ombros. Não lhe importava. Nike era sua única preocupação no momento.

— Meu rei? — Insistiu Atlas —. Só me falta sua permissão para começar a tortura de Nike. Minha determinação não tem igual.

Cronos o olhou outra vez, seu sorriso decaindo. Passou um silencioso minuto, logo outro. Então o rei suspirou.

—Temo que minha resposta tem que ser não. Enquanto eu gosto do pensamento de que a angústia de Nike se intensifique em suas mãos, não estou disposto a me arriscar a lhe tirar o colar, inclusive pelos poucos segundos que requerem transportá-la. Ela é Força, e se de alguma forma escapasse e liberasse a seus irmãos, estalaria outra guerra celestial. Agora não posso dividir minha atenção. Bem, não se fala mais do assunto. Tenho passado a maior parte de meu tempo observando os Senhores do Submundo.

Os Senhores do Submundo? Quem são? Em realidade, não importava. Enquanto falava, seu próprio sentido de desânimo tinha florescido. Queria subir ao estrado, agarrar o rei e sacudi-lo. Como se atrevia a denegar seu requerimento? Como se atrevia a descartar seus desejos? Em seu lugar, disse:

— Muito bem, meu rei. Agradeço-lhe por seu tempo — e girou sobre seus calcanhares. Saiu a pernadas da câmara antes que fizesse algo idiota, como tinha feito com Nike em seu escritório. Só que seu objetivo não seria chegar ao clímax.

Já tinha decidido que nada o deteria de reclamá-la. Agora se dava conta de que nem sequer faria isto. Condenada fosse à decisão do rei. Ele teria a sua mulher, como queria.

Capítulo 07

— Venha comigo.

O coração de Nike se acelerou ante o som dessa profunda voz. Indecisa, rodou sobre sua cama de armar. Sem dúvida alguma, sua pele vibrou quando seu olhar encontrou Atlas. Atrativo como sempre, estava parado ante os barrotes, barrotes que estavam agora abertos. Sua mão estava estendida e a agitava. Havia fúria em sua expressão muito rígida. O que tinha feito ela desta vez?

Tinha tentado ignorá-lo. Tinha tentado pretender que não sentia nada por ele. Algo para deter a loucura. Mas deuses, não podia deixar de pensar em seu beijo. Não podia deixar de desejar que o tivesse deixado tomá-la totalmente. Que tivesse experimentado tudo antes de ser levada de retorno a um nada. O que aconteceria se depois se cansasse dela? O que aconteceria se tivesse estado se vangloriando? Passaria sobre sua capitulação? O que aconteceria se encontrasse alguém mais e passeava com ela em frente a Nike? Por algumas benditas horas a quem estava enganando? Por alguns benditos minutos, porque não era como se tampouco nenhum deles durasse, além disso, teria conhecido a alegria de estar com ele outra vez. De simplesmente sentir, dar, tomar, compartilhar e amar.

Ter todo o descanso, o bom senso começou a falar, mas negava o amor.

Esse seria meu prazer. Mas tenho que obrigá-lo a me oferecer primeiro o descanso.

— Venha — repetiu.

O que tinha planejado ele?

Lentamente ficou direita. Seu cabelo necessitava desesperadamente um escovado, e deuses, o resto dela precisava de uma ducha. Desde quando não tomava banho? Os prisioneiros recebiam uma tigela de água cada dia e isso era tudo.

— Por quê?

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

— Quer passar algumas horas fora da prisão ou não?

Espera. O que? Deixar o Tártaro? Já estava em pé antes que seu cérebro pudesse processar o que estava fazendo. Seus joelhos quase se dobraram, tinha passado muito tempo prostrada, aborrecida, mas conseguiu ficar em posição vertical. Inclusive estendeu a mão e entrelaçou seus dedos com os dele. O calor de sua pele não deveria tê-la perturbado, mas o fez. Os calos não deveriam ter acendido o fogo em seu sangue, mas o fizeram.

— Leva-me para fora?

— Sim. Mas não diga uma só palavra quando alcançarmos a estação do guarda. Compreende?

— Sim. — Este podia ser um truque.

Um truque para fazê-la iludir-se antes de jogá-la cruelmente, mas não se importava. Se houvesse uma oportunidade, embora fosse pequena, de que na verdade permaneceria fiel a sua palavra, faria qualquer coisa que lhe pedisse.

Sem uma palavra, guiou-a para fora da cela e desceu pelo corredor. Outros prisioneiros a divisaram e ofegaram. Alguns começaram a murmurar entre eles mesmos, murmurando de como uma vez tinham desfrutado do que faziam nos céus. Alguns agarravam os barrotes e só a observaram através de olhos tristes.

—Ouça, aonde vai com ela agora? — gritou Erebos.

Atlas o ignorou, e Nike o seguiu com prazer. Uma sensação de urgência martelava através dela. Se Atlas o fazia, tirava-a, se queira por algumas horas... Por que podia fazer tal coisa?

— Obteve permissão para isto? — perguntou ela —. E ainda não estamos na estação do guarda, assim está bem que fale.

— Não. Não obtive permissão. — Suas palavras foram bruscas, claramente davam a entender que cessava a conversação.

Como se alguma vez tivesse feito o que se esperava dela.

— Então por que está...

— Só guarda silêncio.

— Ou o que?

— Ou calarei a minha maneira favorita.

Sua boca se abriu involuntariamente.

Queria dizer que a teria calado com um beijo? Ou pressionaria um botão em seu colar e dispararia lanças dolorosas através de seu cérebro? Era metade e metade, pensou. Entretanto, sua proclamação obteve os resultados desejados. Estava muito ocupada considerando cuidadosamente seu significado para falar.

Na estação do guarda, dois Titãs riam fazendo apostas com os prisioneiros. Contemplaram Atlas e assentiram com a cabeça educadamente a modo de saudação, só para ficar quietos quando a divisaram. Como prometeu, permaneceu calada.

—Tentou escapar? — demandou um, obviamente preparado para golpeá-la por fazê-lo.

— Não. Mas a tirarei fora um momento — respondeu Atlas.

— Por quê? — O outro deixou escapar um ofego —. Aí fora não há nada.

— Descida tentá-la com o que não pode ter.

As mesmas palavras que uma vez tinha proposto a Aergia, a deusa da preguiça, recordou ele.

— Isto tem que ser esclarecido com... — continuou ainda o guarda.

— Eu estou a cargo desta prisão e das pessoas dentro dela. Agora se cale e cumpre com seu trabalho. — Com isso, Atlas a acompanhou até a porta do edifício e à luz do dia.

Ninguém mais tentou detê-lo.

Enquanto o primeiro raio golpeava sua pele, ela se sacudiu livrando-se de seu agarre e se deteve, simplesmente deleitando-se com o momento. Nuvens. Sol. Fechou os olhos, sua cabeça jogada para trás, os braços estendidos. O calor, seguido por uma brisa refrescante e claridade. Sua pele os absorveu cobiçosamente. Oh, como tinha sentido saudade deles.

A teria encantado ter visto também templos e pessoas e ruas douradas, mas aceitaria o que pudesse conseguir sem queixar-se.

Repentinamente uns firmes braços se uniram ao redor dela.

— É linda. — sussurrou Atlas. Seu nariz acariciava sua orelha, virtualmente ronronando —. Sabia?

— Sei como me vejo. — Seus cílios se agitaram elevando-se. Seu coração martelava contra suas costelas, e não teria podido impedir de pousar as palmas de suas mãos em seu peito nem para salvar a vida. Seu coração pulsava a toda velocidade, compreendeu com assombro. Estava ele... podia estar afetado por ela como ela o estava a seu lado? As nuvens a envolveram, criando uma neblina de sonho —. E linda não é uma palavra que me descreva.

Sua cabeça se elevou, e ele baixou o olhar para ela, contemplando-a. A ternura suavizou sua expressão, e pensou que nunca tinha estado mais atrativo.

— Então você não se vê como eu a vejo.

Como a via ele? Tanto como ele a odiava... Mas a odiava ainda? Como podia, quando justamente a tinha escoltado ao paraíso? Teria suposto que imaginava com chifres, presas e uma

cauda.

Clareou a voz, muito assustada para perguntar.

— Por que fez isto por mim? — Uma pergunta muito mais fácil, com uma resposta que provavelmente não destruiria o que pouco ficava de seu orgulho feminino.

— Tenho minhas razões — foi tudo o que disse —. Agora, tanto como eu gostaria de permanecer neste exato ponto com você, só temos um pouco de tempo. Quer passá-lo aqui ou comendo a comida que preparei? Assim como também te dando um banho? Sei que essas são duas das coisas que mais senti saudades durante minha permanência aqui.

— Comer... alimentar-se. Banhar-se. — Isto estava ocorrendo realmente? Ou só estava sonhando outra vez com ele? Nada mais explicava essa mudança nele, em sua situação.

Ele beijou a ponta do seu nariz.

— Então comida e um banho é o que terá. Venha. Já que não posso te cintilar fora desta área, e não há casas, pousadas ou lojas por aqui, estabeleci o acampamento uma milha ao norte, fora da vista da prisão.

Certamente estava sonhando. Ou possivelmente fosse um truque, como supôs ao princípio. Mas o deixou conduzi-la pelas nuvens sem protestar.

Capítulo 08

Quando chegaram ao acampamento que tinha instalado, Atlas estava duro e dolorido. Nike tinha estado apertada contra seu flanco durante todo o caminho, seu aroma feminino enchia seu nariz, seu calor radiando para ele.

Quando viu a tenda que tinha levantado, soltou um ofego. Os olhos marrons bem abertos voaram para ele com assombro antes que Nike saísse correndo e, sem deter-se, passasse disparada através da abertura frontal. Atlas ouviu outro ofego.

Sorrindo, seguiu-a para dentro. Gostava desse lado suave de Nike. Encontrou-a parada no centro, girando, claramente tentando captar tudo de uma vez. Ele tinha estendido peles no chão e inclusive tinha conduzido uma pequena mesa redonda até ali, enchendo-a até o batente de suas comidas favoritas. Havia uma banheira de porcelana cheia de água fumegante, com pétalas de rosa flutuando na superfície.

Que nunca se diga que o deus Titã da Força não sabe como seduzir uma mulher.

As mãos de Nike revoaram sobre seu peito, seu olhar estava colado em um prato de morangos e queijo “feta”.

— Como sabia que eu gostava disso?

Porque ele sempre tinha sido extremamente consciente de cada uma de suas ações. Tinha-a

observado de sua cela, enquanto ela comia com seus amigos e tinha soltado fumaça por não ser ele quem estava com ela, desfrutando-se em seu bom humor. Entretanto, isso não era algo que iria admitir.

— Só o adivinhei. — disse finalmente.

Nike olhou atentamente o tapete e deu um pontapé com seu pé descalço e sujo.

— Não entendo por que está fazendo isto, Atlas.

— Já somos dois — respondeu ele, bruscamente.

— Mas…

— Desfruta-o, Nike. É tudo o que posso te dar.

Seus cílios tremeram e seu olhar o imobilizou.

— Mas por que iria querer me dar algo?

— Deixa de analisar minhas razões. Isto não é um complô nem um castigo, juro. E a comida não está envenenada, se isso for o que pensa — fechou a distância entre eles, pôs as mãos sobre seus ombros e a empurrou para a mesa.

Ali, comeram em silêncio. O êxtase em seu rosto, que se incrementava com cada bocado, deleitava-o. Nike saboreava o vinho gole a gole, gemendo com cada gole.

Trazê-la aqui bem valia o risco de incorrer na cólera de Cronos, pensou.

Embora Cronos simplesmente lhe tinha ordenado mantê-la no Tártaro. O qual tinha cumprido. As nuvens ao redor da prisão eram parte do reino. Assim tecnicamente, não tinha quebrado nenhuma regra. Cronos, em troca, sendo Cronos, não o veria desse modo.

Ainda assim, Atlas não se arrependia. Nunca tinha visto este lado alegre, entusiasta da deusa grega, e achava que gostava disso tanto quanto o deleitava todo o resto a respeito dela. Que era muito mais do que deveria.

Quando até a última migalha tinha sido consumida, Nike dirigiu sua atenção à banheira.

—Isso é para mim?

Um total desejo radiava dela, entretanto não se moveu para a água.

— Sim. Mas não a deixarei sozinha. Sabe, verdade?

Mordendo o lábio inferior, assentiu.

— O que está dizendo é que, posso me banhar com você olhando ou não me banhar diretamente.

— Exato.

Esperava que ela discutisse o feito. Demônios, podia ter-se negado de plano. O que não esperava era que Nike ficasse de pé e se desfizesse da túnica sem vacilar. Ante a vista de sua nudez, Atlas inspirou com um gemido. Já a achava deliciosa… mas agora, agora… deuses Santos. Era a criatura mais perfeita que os deuses tinham produzido jamais.

Sua pele, tão dourada e suave, cobriam músculos esbeltos e curvas suculentas. Seus seios

eram suaves, perfeitos para suas mãos e seus mamilos eram da formosa cor rosa que recordava. Fazia que sua boca salivasse por eles.

Nike caminhou até a banheira e se meteu dentro. Seu traseiro, suas costas… o nome de Atlas. Ficou em pé antes de dar-se conta do que fazia. Queria beijar essa tatuagem, algo pelo que ela o golpearia, provavelmente. Entretanto, não se desculparia por haver-lhe feito. Diabos, não. Gostara muito.

Girando devagar, seu olhar encontrou o dele enquanto se afundava lentamente na água. Não havia forma de ocultar o desejo que Atlas sentia, consumia-o, devorava-o e o deixava tão nu quanto ela. A expressão de Nike, não obstante, era ilegível.

Lentamente, ensaboou o corpo inteiro com a barra de sabão que ele havia trazido. Parecia totalmente imperturbável enquanto as borbulhas dançavam sobre ela, descendo por esses seios magníficos e escondendo-se entre as pétalas de rosa. Lavou a cabeça também e logo as mechas estavam jorrando por seu rosto e ombros.

Com cada movimento que ela fazia, ele se aproximava um pouco mais. Não podia evitá-lo. Finalmente, Nike terminou e ficou de pé. Outro banquete para seus olhos. Todas essas curvas que ele desejava mais que nada no mundo estavam agora molhadas. Atlas queria secar com lambidas todas as gotas.

— No que pensa? — perguntou ela, sua voz tão vazia de emoção quanto seu rosto.

— Preciso de você. — conseguiu dizer com voz rouca, através do nó de sua garganta.

Por fim. Uma reação. Alívio e desejo, desejo intenso, reclamaram-na e Nike sorriu como uma sereia.

— Então, me terá.

Essas palavras eram uma réplica de suas palavras de antes e completamente inesperadas. Mas, como lhe havia dito antes, não havia nenhuma boa razão para analisar uma mudança de atitude. Em nenhum dos dois. Não agora. Um segundo depois, tinha percorrido a distância que os separava. Tinha seus braços envoltos ao redor dela, empurrando-a contra ele, ao segundo seguinte. Seus lábios se encontraram em um enredo selvagem, suas línguas procurando, rodando juntas. Uma e outra vez o beijo continuou, afogando-o em tudo o que era Nike.

Odiava deter-se, embora fosse por um momento, mas tinha que tirar as roupas. Se não experimentasse um contato pele a pele logo, estalaria em chamas.

Ofegando arrancou a camisa, suas botas e logo as calças.

Atraiu-a de volta a seu abraço. Finalmente. Benditamente. Pele contra pele. Ambos gemeram ante o efeito embriagador. Os mamilos de Nike se esfregaram contra seu peito, contra sua tatuagem, enquanto que suas partes inferiores empurravam juntas. Logo ela se inclinou, traçando as letras com sua língua, e deuses, nunca tinha estado mais feliz de ter essas marcas.

Depois de traçar a última, beijou seu caminho abaixo para o estômago. Ficando de joelhos.

Nike ia a… por favor, por favor, por favor… mas não gostava dele o suficiente para fazer isso, verdade?

— O que está…

Nike meteu seu membro, profundamente na boca.

A cabeça de Atlas caiu para trás e rugiu. Todo esse calor úmido era o êxtase, certamente o primeiro que de verdade conhecia, pois nada havia se sentido jamais tão condenadamente bem. Acima e abaixo, Nike se movia, permitindo-o chegar a tocar o fundo de sua garganta.

— Deuses. Não faça que eu goze.

Ela riu, retirou-se e lambeu seu testículo.

— Quando o tenho feito caso?

— Puta — com um grunhido, Atlas ficou também de joelhos. Provaria sua semente. Depois. Mais que nada, inclusive mais que esse êxtase, queria estar dentro dela e não queria ter que esperar para fazê-lo —. Abre suas pernas para mim.

Assim que Nike obedeceu, ele já tinha dois dedos enterrados profundamente. Mais úmido calor. E para seu deleite…

— Está pronta para me receber.

Nunca esteve mais orgulhoso de ter levado uma mulher até esse ponto.

Ela tremeu e teve que agarrá-lo pelos ombros para manter-se de pé.

— Estou pronta para você, cada maldita vez que o vejo.

E não lhe agradava, Atlas podia notá-lo em seu tom de voz, mas só podia desfrutar da admissão.

— É igual para mim.

Primeiro, piscou, como se não pudesse permitir-se a si mesma acreditar nele. Parecia tão vulnerável, tão — se atrevia a desejá-lo? — esperançosa. Logo, plantou um beijo suave em seus lábios e inspirou seu fôlego.

— Não diga coisas como essas. — sussurrou.

— Por que não? Digo a verdade.

— Porque me afetam.

Palavras mais emocionantes nunca foram ditas.

— Terminemos com isto antes que exploda, querida.

— Por favor.

Estava suando, ofegando enquanto se localizava sobre seu traseiro, inclinava-se e a agarrava pelo dela. De um puxão a atraiu sobre seu colo, obrigando-a a envolver suas coxas ao redor de sua cintura. Ao mesmo tempo em que as mãos de Nike se enredavam em seu cabelo, ele a levantou, localizando seu centro ansioso sobre a ponta de sua ereção.

— Pronta? — perguntou roucamente.

Tinha chegado. O momento que sentia que tinha estado esperando sempre.

— Pronta.

Ele empurrou para cima e ela para baixo, e esteve então completamente dentro dela, rodeado pela mesma coisa pela qual tinha desafiado seu rei, seu soberano, para poder possuí-la. Era melhor do que recordava, melhor do que pôde ter imaginado. Não podia deter-se, não podia lhe dar tempo para ajustar-se. Uma e outra vez empurrou para dentro e fora, muito afligido pelo prazer para fazer outra coisa que remontar a tormenta. Possivelmente era igual para ela. Suas unhas cortavam suas costas e seus gemidos ressoavam em seu ouvido.

Deuses, estava perto. Em chamas. Ardendo. Desesperado. Manobrando entre seus corpos, Atlas pressionou sobre seu novo lugar favorito.

— Atlas — gritou Nike, suas paredes internas o ordenharam de repente.

Estava em pleno clímax, perdida para todo o resto e a idéia o levou também a dar o último passo sobre a beirada. Ejaculou dentro dela, perdido para todo o resto, o orgasmo mais intenso de toda sua vida o reclamava.

Juntos caíram para trás, sobre a suavidade das peles. Ele manteve seus braços ao redor dela, incapaz de soltá-la. Agora… sempre?

Sim, sempre, pensou e seus olhos se aumentaram. Queria-a para sempre. Queria mais disto. Tinha que ter mais disto. Quando o tinha perdoado completamente? Não sabia. Quando tinha se abrandado? Não sabia. Só sabia que ela se converteu em uma parte importante de sua vida. Talvez sempre o tivesse sido, só que foi muito estúpido para dar-se conta.

Que diabos ia fazer? Podiam estar juntos todas as noites depois de seu turno, mas nunca teriam privacidade e o orgulho de Nike se veria afetado por seus cuidados amorosos, enquanto que ele se negava a deixá-la em liberdade. Ele sentiria o mesmo se a situação fosse o contrário. Além disso, ela era muito valiosa para machucá-la dessa maneira. Mas o problema era que não podia estar sem ela. Isso já o tinha provado

Maldição, pensou seguidamente, de repente doente do estômago. Maldição!

Capítulo 09

Amava-o, pensou Nike. De novo. Sou um caso perdido.

Ele só… tinha estado tão assombrado. Tinha-a sacudido, lhe dando tudo o que ela ansiava: comida, água e seu corpo. Deuses, tinha-lhe dado esse delicioso corpo. Tinha-o saboreado em todo momento. Degustando seu sabor, seu toque, a sensação dele penetrando nela.

Quatro dias tinham passado após, mas ansiava mais. Sempre ansiava mais. Tinha passado o tempo presa em sua cela, indo e vindo, tentando pensar maneiras nas quais eles estivessem juntos.

Quer dizer, se ele ainda a quisesse. Atlas tinha vindo ao menos uma vez ao dia para assegurar-se de que ela estava apropriadamente alimentada e que sua terrina de água estivesse cheia, mas nunca lhe havia dito nenhuma palavra. Em realidade, não tinham falado desde que tinham deixado a tenda.

Nesse momento, havia se sentido muito nua, muito exposta. Tinha temido que seus sentimentos por ele tivessem estado brilhando em seus olhos, assim que a maioria certamente teriam se filtrado em sua voz. Ele era tudo o que ela tinha querido alguma vez em um companheiro. Sua força emparelhava a sua. Nunca teria que preocupar-se com a possibilidade de machucá-lo. Era engenhoso e encantador. Era protetor, um guerreiro. Era deliciosamente vingativo, sabia de primeira mão.

Ela sorriu, desejando poder alcançar suas omoplatas e sentir o nome dele. Estava segura que as letras estariam tão quentes como o mesmo homem. Mas…

Por que não tinha falado com ela?

Por que você não falou com ela?

Porque não tinha sabido o que dizer. Ainda a queria? Sentia algo por ela? Como reagiria se ele não o fizesse, que era o caso mais provável? Parte dela queria tomar algo que lhe desse. A outra parte sabia que seu orgulho não lhe permitiria tal coisa. Mas ao final, quando voltaram para Tártaro e ele tinha fechado as grades de sua cela, ela tinha pensado que tinha vislumbrado arrependimento. Remorso porque tinha que encerrá-la dentro. Pena por não poder passar mais tempo juntos, na cama e fora dela.

Nike puxou seu colar e chiou. Maldita coisa. Ela era o epítome da força, entretanto, estava indefesa como um bebê. Como podia ganhar o coração de um homem quando não podia se quer ganhar sua própria liberdade?

Atlas escutou um chiado de frustração e soube imediatamente quem o tinha dado. Nike. Sua Nike. Sua linda Nike. Tinha deliberado sobre o que fazer, como podiam estar juntos durante quatro dias. Bem, parecia que o tempo de pensar se acabou. Ela estava perto de quebrar-se. Tinha provado a liberdade; estar trancafiada tinha que ser agora milhares de vezes pior que antes.

Odiava que estivesse presa, e sabia que nunca poderiam estar juntos enquanto estivesse. Também sabia que não poderiam estar juntos se ele a libertava. Ela muito provavelmente fugiria, e ele definitivamente seria castigado.

Talvez o amasse, talvez não. Talvez, ficaria com ele. Ou o tentaria. Ela gostava e se sentia atraída por ele, chegou inclusive a dizer. Depois de tudo o que tinha acontecido entre eles, não teria dormido com ele de outra maneira. Mas amor? Não estava seguro.

E realmente, não importava. Ele a amava. Possivelmente sempre o tinha feito. Nunca tinha tido sentimentos tão fortes por uma mulher. Nunca antes tinha querido passar cada minuto acordado com alguém, nunca tinha querido aconchegar alguém a seu lado cada minuto que passasse dormido. Nunca tinha querido comer cada comida juntos. Falar e rir todos seus dias. Discutir, verbal e

fisicamente. Mas ele o queria com ela.

E já que eles não podiam estar juntos, não importava de que maneira saíssem as coisas, só havia uma coisa a fazer.

Arrastou-se pesadamente descendo as escadas até sua cela. Ela estava golpeando a parede com o punho, formando nuvens de pó a seu redor. Essa visão quase o desfez. Queria beijá-la, pôr seus dedos sobre toda ela, afundar-se nela. Endurece seu coração. Faz o que é necessário. Sua mão estava tremendo ao elevar o sensor.

Ela escutou o deslizamento dos barrotes e se girou. Um ofego partiu seus formosos lábios. Sem uma palavra, ele estendeu sua palma.

— O que…?

— Só toma-a.

Ela franziu o cenho ao aceitá-lo.

Ainda em silêncio, ele a puxou pelo mesmo caminho que acabara de tomar. O mesmo caminho que tinham seguido aqueles quatro dias atrás. Ninguém tentou detê-lo esta vez. De fato, ao passar pela estação do guarda, os dois deuses do turno reviraram os olhos.

Fora, com as nuvens ao redor dele, girou-se para Nike. Ainda queria beijá-la, mas sabia que se o fizesse, não seria capaz de deixá-la ir. E tinha que deixá-la ir.

— Atlas — disse ela com um sorriso sedutor. Tentou envolver seus braços ao redor de seu pescoço —. Outra saída? Estou contente.

Ele sacudiu a cabeça e depositou seus dedos nos entalhes designados no colar. O frio metal encontrou seu toque. Logo se inclinou para baixo e encaixou seus lábios no centro.

Seu sorriso desapareceu. Um temor a atravessou.

— Qqqqué está fazendo?

— Fica quieta — inspirou um profundo fôlego, sustentando-o… mantendo-o… e logo liberando-o lentamente. Quando o fôlego se deslizou por dentro do colar, o metal se afrouxou… partindo-se pelo centro e, finalmente, caindo ao chão.

Com os olhos totalmente abertos, ela levantou a mão e apalpou o pescoço nu.

— Não entendo o que está acontecendo — disse.

Eram as mesmas palavras que havia dito antes. Não a tinha respondido então. Agora o faria. Amava-a, mas nunca poderia dizer-lhe.

— Vá. — ele disse — Transporte-se a algum lado. Talvez à terra. E faça o que fizer, mantenha-se oculta. Entende-me?

— Atlas… não — sacudiu sua cabeça violentamente, inclusive fechou um punho em sua camiseta — Não, não posso. Quando descobrirem que me fui para sempre, e o farão, será acusado de um crime. Será preso, junto com os Gregos aos que odeia. Ou, se tiver sorte, será assassinado.

Ela se sentia, precaveu-se ele, surpreendida e entristecida ao mesmo tempo. Preocupava-se

com ele, o que queria dizer que sofreria sem ele. Por algum motivo, isso só incrementava sua determinação por salvá-la. Ela não merecia uma vida entre as grades.

Obrigou-se a endurecer sua expressão. Obrigou-se a afastar-se dela.

— Já não suporto olhá-la. Já tive você e já me aborreci.

Seus braços caíram como se carregassem rochas, mas ela logo os voltou a levantar ao redor de sua cintura.

— Então mantenha-me presa e se afaste de mim. Não deve fazer isto.

Desejava renunciar a sua liberdade para estar perto dele? Maldita seja. Ele se sentia um pouco mais apaixonado por ela.

— Vá embora! Já não posso suportar sua presença. Não o entende? Dá-me asco, Nike.

— Cale-se. — as lágrimas encheram seus olhos. Reais e malditas lágrimas —. Não quer dizer isso. Não pode querer dizer isso. — o último foi suspirado quebradamente.

Seu coração se encolheu dolorosamente. Faz isso. Termina.

— Prefiro que me assassinem ou me matem que vê-la um momento mais. Porque cada vez que a vejo, recordo o que fizemos e eu… quero vomitar. Estava usando você, esperando castigá-la, mas levei as coisas muito longe. Inclusive para mim — odiando-se, ele se girou —. Assim, nos faça um favor a ambos e vá embora.

Durante um lago momento, ela não falou. Ele sabia que tampouco se transportou, já que não tinha escutado nenhum rangido de roupa. Mas então, escutou um gemido. Um soluço. Deviam estar caindo mais daquelas lágrimas.

Deuses, não podia fazê-lo. Não podia enviá-la longe desta maneira. Girou-se com a intenção de agarrá-la e lhe contar a verdade, obrigá-la a escutar. Fazer que se fosse de outra maneira. Mas ela se foi antes que seus olhos pudessem encontrar-se e suas mãos agarraram o ar.

— Você, insolente estúpido!

Atlas elevou o olhar ao enfurecido Cronos. Não é que pudesse fazer outra coisa. Seus pulsos estavam encadeados aos postes, obrigando-o a permanecer sobre seus joelhos. O mesmo colar que tinha tirado de Nike estava agora ao redor de seu pescoço.

Tinha sabido que isto aconteceria, mas não tinha importado. Ainda não lhe importava. Nike estava livre e isso era tudo o que importava.

— Não tem nada que dizer a seu favor?

— Não.

— Um Grego pode levantar um exército. Esse exército pode nos cercar. Nos arruinar. Disse a você e, entretanto, desafiou-me.

— Nike não o fará — disse confidencialmente.

Confiava em que desaparecesse. Inclusive tão enfurecida como estava com ele, não ficaria em perigo para salvar as pessoas que nunca tinham gostado dela em realidade.

Cronos golpeou seu punho contra o encosto de seu trono, sempre como um menino petulante.

— Não pode sabê-lo! Não é meu Olho-que-tudo-vê.

Atlas arqueou uma sobrancelha, negando-se a ser intimidado.

— Arriscar-se-ia a ser encarcerado de novo por ajudar a seus amigos Titãs? Não serei capaz de ver todos os segredos dos céus e o inferno, entretanto sei que não o faria.

O rei não teve resposta ante isto, mas não o deteve de grunhir.

— Desobedeceu a uma ordem direta e será castigado.

— Entendo-o.

Ofereceu a declaração sem vacilação. Era a verdade. Entendia que o rei dos deuses tinha que dar exemplo com ele. De outra maneira, outros o veriam fraco. Desobedecer-lhe-iam como o fez Atlas.

— Acredito que realmente o faz — algo da fúria de Cronos diminuiu —. Esta manhã vi seu retrato. Um retrato pintado por meu Olho. Neste, ela me mostrou exatamente como castigá-lo. —o rei sorriu malvadamente e olhou a fantasmal garota ainda quieta a seu lado —. Sabe o que fazer, doce Sienna.

Sienna se adiantou e uma faca apareceu em sua mão. Deteve-se em frente a Atlas e caiu de joelhos, colocando-se à altura de seus olhos. Assim que este seria, pensou ele. O final. Como um imortal, nunca tinha pensado em alcançar este ponto, entretanto. Encontrou que só se arrependia de não ter tido mais tempo com Nike, de não ter tido a oportunidade de desculpar-se por suas cruéis palavras a última vez que tinham estado juntos e de que nunca teria a oportunidade de confessar seu amor.

Com absolutamente nenhuma emoção em seu rosto, a garota cravou a ponta da adaga em seu pulso e cortou o sensor, em vez de lhe cortar a cabeça. Nesse momento foi quando se deu conta de que Cronos tinha a intenção de prendê-lo em vez de matá-lo. Bem. Mais tempo para pensar em Nike e no que poderia ter sido.

Mas depois, Sienna moveu a adaga para seu peito, pressionando, cortando. Ardeu, mas isso não foi o que o fez lutar contra seus cuidados. Não, foi o feito de que ela começou a desgravar o nome de Nike de seu peito. Rugiu em voz alta e por longo tempo, brigando com tudo o que tinha. Chamaram os guardiães e duras mãos se colocaram sobre ele, pressionando-o para baixo, mantendo-o quieto. Contudo brigava, mas ao final, eles deram um jeito para lhe tirar as quatro letras.

Ao afastar-se dele, jogou-se uma olhada através de seus ardentes e aguados olhos. O sangue se derramava por seu peito e quatro feridas abertas o olhavam, os músculos rasgados, a pele

completamente desaparecida. Poderia ter odiado a marca em algum ponto de sua vida, mas tinha chegado a amá-la tanto quanto à mulher que a tinha dado. Mais que isso, tinha sido a última evidência que ficava de sua presença.

Suas mãos se fecharam em punhos e suas costas se endireitou. Sangue e suor se mesclaram, ardendo mais. Outro rugido estalou de seus lábios e foi lançado para o céu claro. Não se deteve até que sua garganta pareceu migalhas pelo esforço.

—T erminou? — perguntou-lhe Cronos.

Seu olhar entrecerrado se dirigiu ao estrado.

— O destruirei por isso — prometeu quebradamente —. Um dia morrerá por minha mão.

— Pouco provável. Levem-no ao Tártaro —disse despreocupadamente o rei a seus guardas —. Onde apodrecerá durante toda a eternidade.

Capítulo 10

Levou-lhe três dias, mas Nike finalmente localizou a casa de Atlas, uma extensa propriedade no Olimpo. A quantidade de riqueza que teria necessitado para adquirir tal lugar a deixava assombrada. Mas então ele teria considerado que cada centavo gasto valia a pena. Depois de viver em uma cela diminuta durante milhares de anos, provavelmente teria querido cada milímetro de espaço que pudesse conseguir. E cada comodidade.

Havia uma piscina de natação, mais de trinta cômodos, duas escadas de caracol de mármore e quatro lares, e todas as paredes eram feitas de ouro sólido. Entretanto, nada disso lhe interessava. Só seu quarto.

Ali descobriu mais sobre o homem que a tinha afastado. Um homem que não teria arriscado tudo isto só para evitar ver seu rosto, como tinha declarado. Um homem que não teria arriscado a vida por outra coisa que não fosse amor.

Era dono de uma cama gigante, a qual cobria com lençóis de seda negra. As paredes estavam pintadas com murais do sol e o céu, e os móveis cheiravam a rico mogno. Havia várias prateleiras de livros, cada um cheio de exemplares com capas de couro. Travesseiros bordados com contas estavam estrategicamente localizados ao longo do chão. Lugares onde recostar-se para ler, supunha.

Não obstante, o que reteve sua atenção, foi o retrato que pendurava sobre o lar. Um retrato dela.

Deve tê-lo mandado pintar depois de sua estadia na tenda, pois estava reclinada em uma banheira de porcelana, com borbulhas escorregando sobre os ombros e seios, e o cabelo ensopado. Teria se visto tão simples e masculina como sempre, exceto que tinha feito que o artista adicionasse

uma luz sensual nos olhos escuros e um sorriso de “me pegue se puder” nos lábios.

Finalmente sabia como a via. Como alguém bonito. Valioso.

Só um homem apaixonado faria tal coisa. Só um homem apaixonado manteria tal coisa em um lugar tão predominante. Só um homem apaixonado quereria ver o retrato de uma mulher cada noite antes de dormir e logo despertar vendo o mesmo.

OH, sim. Amava-a.

Lá, fora do Tártaro, tinha pensado, esperado que o fizesse, mas deixou que as palavras danificassem sua sempre baixa auto-estima. Como poderia querê-la um homem tão bonito e sensual? Perguntava-se. Mas o fazia. Amava-a. A prova: tinha arriscado tudo por ela.

Não podia fazer menos por ele.

Cruzou a grandes passos o dormitório, sabendo que seu amante teria um baú com armas metido em alguma parte e sabendo exatamente que fazer com elas.

Atlas não teve cela própria, ao princípio não. Ainda sangrando e desesperado, lutando, tinha sido metido a uma cela com Erebos. É obvio que o tinham escolhido a ele como seu companheiro de cela, pensou, com a raiva alagando-o. Um homem que uma vez tinha pensado em reclamar sua Nike. Um homem que depois lhe tinha roubado a comida e a tinha chamado com nomes terríveis.

Tinha visto como ocorria em várias ocasiões. Não tinha feito nada por isso então, dizendo-se que ela merecia o que lhe ocorresse, mas tinha querido fazê-lo. E não havia melhor momento que o presente.

Inclusive com a força diminuída pelo colar e a metade do sangue seco sobre o peito, inclusive com as feridas gotejando, abrindo-se com cada movimento que fazia, Atlas deu um jeito para derrotar Erebos em tempo recorde. Golpeou, chutou, não brigou limpo, dando um joelhada no deus em suas partes enquanto estava caído. Ao final, um quebrado e ensangüentado Erebos jazia chorando no sujo chão, junto com todos os que tinham tentado salvá-lo.

Foi então quando transladaram Atlas à cela vazia que tinha ocupado Nike. Atirado sobre a cama de armar, dedicou-se simplesmente a respirar a essência de Nike, que perdurava. Sua doce, doce Nike. Teria que passar a eternidade sem ela. Inclusive sem sua marca. Uma vez mais, rugiu.

Que estaria fazendo agora? Se procurasse consolo nos braços de outro homem, embora fosse nos anos vindouros, atiraria abaixo a prisão pedra por pedra e mataria ao bastardo. Sim, como não. Afastou-a de você para que fizesse justamente isso. Quer que seja feliz.

—O que significa toda essa animação? Sério.

Deuses, agora até escutava sua voz. Levava só dois dias encerrado e já estava se tornando louco.

Os barrotes vibraram, abriram-se. Rodou sobre seu flanco, decidido a jogar a quem fosse. Quando captou a imagem de sua adorada Nike, pestanejou. OH, sim, de fato estava ficando louco, louco. Estava parada ante ele, envolta em um Top e calças de couro negro. O cabelo estirado para trás, em um simples rabo-de-cavalo. Tinha salpicas duras de sangue nas bochechas. Nunca se tinha visto mais bela. Sua fortaleza estava ali, à vista de todos.

— E? — Perguntou, claramente impaciente —. Não pensa dizer nada?

Lentamente, sentou-se. Não queria que o momento acabasse. Não queria perdê-la de vista.

— Senti saudades. Senti tanta saudades.

— E eu que esperava uma desculpa. Mas prefiro muito mais isto. — Riu, estava radiante —. Também senti saudades, mas teremos que por em dia mais tarde. — O olhar desceu até o peito de Atlas e ficou com a boca aberta de estupor. Logo começou a grunhir—. O Rei dos Deuses arrancou meu nome do seu peito?

—Sim.

Estava segurando uma faca, ele percebeu, e os nódulos estavam brancos.

—Vou matá-lo.

—Já lhe fiz essa promessa.

— Então o faremos juntos. Depois que saiamos daqui. — Desviou a atenção atrás dela, com urgência, antes de retorná-la a ele —. Vamos. Temos que ir antes que alguém descubra o que fiz.

— Só me deixe te olhar. Deixe-me desfrutar deste momento. Permite que me desculpe por tudo o que disse. Queria uma desculpa, não é? Nada era verdade, nenhuma palavra que pronunciei esse último dia, mas…

Nike fechou a distância entre eles e lhe deu uma bofetada. Forte. O golpe o atirou para trás, contra a cama de armar, e o fez ver estrelas.

Voltou a pestanejar.

— Golpeou-me.

— Sim, e voltarei a fazê-lo se não pôr o traseiro em movimento.

— É real.

— Sim.

— Mas é real. — sentou-se, dizendo as palavras sem as compreender em realidade. Isto não podia estar acontecendo.

Ficou de joelhos.

— De novo, sim. — Como tinha feito Atlas, localizou os dedos sobre o colar e soprou no centro. Enquanto o metal se abrandava, finalmente entendeu o que seu cérebro tinha estado tentando lhe dizer. Nike estava aqui. Na verdade estava aqui. E estava salvando sua vida.

Com um cenho feroz, ficou em pé de um salto.

— Disse que fosse à terra, maldição.

— Bem, essa não é a reação que esperava. — ficou de pé e o beijou brandamente nos lábios —. É uma boa coisa o que nunca faça conta do que diz. Agora, vamos. Já me encarreguei dos guardas de abaixo. E não, não matei seus amigos. Só os fiz desejar estar mortos. — Enquanto, agarrou-o pela mão e o arrastou fora da cela.

— Cronos pode dar-se conta do que está ocorrendo em qualquer momento e aparecer, e então ambos estaremos com problemas. Enquanto estivermos aqui somos alvo fácil.

Certo. Agora era uma fugitiva; queria-a fora desta prisão, fora deste reino, logo que fosse possível.

— Arriscou a vida para me salvar, estúpida.

— Bom, você arriscou a sua para salvar a minha.

Desceram as escadas com passos estrepitosos e, efetivamente, os três guardas estavam atirados de cara ao chão, imóveis.

— Mas foi libertada. Tinha o que queria.

— Não tudo. — soltou Nike sobre seu ombro.

Ok, uau. Acabava de admitir que o queria mais que a liberdade. Não pôde evitar. Deu-lhe um puxão, fazendo-a retroceder direto aos seus braços.

— Amo você — declarou finalmente e esmagou os lábios sobre os dela. A língua penetrou profundamente, saboreando, exigindo.

Ela só permitiu o beijo por uns segundos, as mãos agarrando-o pelo cabelo e tomando tudo o que tinha para dar, antes de afastar-se, ofegando.

— Eu também te amo. Mas saiamos daqui. Precisamos dessa bonita cabeça aderida a seu corpo.

Uma vez mais saíram correndo. Ainda não podia acreditar que isto estivesse ocorrendo. Parecia-se muito a um sonho.

—Vou passar o resto da eternidade compensando você pelo que fiz.

—Bem. Acredito que vai me encantar vê-lo se arrastando. Mas só para que fique claro, adoro minha tatuagem e sei por que razão disse essas coisas terríveis. Claro, tivesse encontrado uma melhor maneira de te pôr a salvo, mas bom, sou mais inteligente que você, assim em realidade não posso te culpar.

Riu. Deuses, como amava a essa mulher.

— Puta.

— Sua puta.

— Minha. Sempre. Assim que minha pele sarar, me marcará de novo.

— Já o tenho planejado.

Bem. Não se sentiria completo até que o fizesse.

— E onde vamos viver? — perguntou —. Não podemos ficar no céu.

— Ordenou-me que me ocultasse na terra. Pensei que poderíamos fazê-lo, juntos. Embora odeio que tenha que renunciar a essa maravilhosa casa.

— Esteve ali? — Encontrava que de verdade gostava da idéia de tê-la ali, rodeada por suas coisas, respirando seu aroma.

— Eu, bom, assaltei-a.

A risada ressoou em Atlas. Não havia mulher mais perfeita para ele. Faria exatamente o mesmo.

— Quão único sentirei saudades dessa casa é o retrato. Mas agora tenho à verdadeira. — Pousou um beijo rápido nos lábios —. Voltemos ao onde viveremos. Há outros deuses lá fora, gregos como você, que estão escondidos. Cronos nunca foi capaz de achá-los. Isso significa que há lugares que não pode ver.

— Talvez os encontremos e nos unamos a eles. Somos Fortaleza, depois de tudo. Podemos ter êxito onde ele falhou.

— Enquanto isso, inclusive poderíamos tentar encontrar os Senhores do Submundo. Cronos mencionou que lhe estavam causando distração, quem quer que sejam. Se forem seus inimigos, poderiam ser bons amigos para nós.

Os olhos de Nike se aumentaram.

— Sei de quem fala. Foram os guerreiros imortais de Zeus, faz muito tempo, mas agora hospedam os demônios que uma vez estiveram presos na caixa da Pandora. Cronos terá as mãos atadas por muito, muito tempo. Seriam excelentes amigos a ter.

Alcançaram a porta e correram, tudo sem incidentes. As nuvens os envolveram imediatamente, o sol brilhando com força. Nike girou e se jogou em seus braços, lhe deixando beijos e dentadas em toda a cara.

—Conseguimos Agora nos leve a algum lugar. Qualquer lugar. Sempre e quando pudermos estar juntos.

— Amo você — voltou a repetir Atlas, logo fez exatamente o que sua mulher lhe tinha ordenado.

FIM